



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA**

JOSIANE MAUÉS QUARESMA

**A NARRATIVA DE COBRA NORATO DE RAUL BOPP: UMA CONTRIBUIÇÃO
DO BAIXO TOCANTINS PARA O MUNDO**

**ABAETETUBA – PA
2021**

**A NARRATIVA DE COBRA NORATO DE RAUL BOPP: UMA CONTRIBUIÇÃO
DO BAIXO TOCANTINS PARA O MUNDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Colegiado do Curso de Letras da Faculdade
de Ciências da Linguagem da Universidade
Federal do Pará como parte dos requisitos para
obtenção do título de Licenciado em Letras-
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Benilton Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P654t Quaresma, Josiane Maués.
A narrativa de Cobra Norato de Raul Bopp: Uma contribuição do
baixo Tocantins para o mundo/ Josiane Maués Quaresma. — 2021.
99 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dro. Benilton Cruz
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -Universidade Federal
do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua
Portuguesa, Abaetetuba, 2021.

1.Cobra Norato. 2. Amazônia Tocantina. 3. Cultura. 4. Raul Bopp. I.
Título.

CDD 410

JOSIANE MAUÉS QUARESMA

**A NARRATIVA DE COBRA NORATO DE RAUL BOPP: UMA CONTRIBUIÇÃO
DO BAIXO TOCANTINS PARA O MUNDO**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado e aprovado, para obtenção do título de Licenciado em Letras-língua Portuguesa pelo corpo docente da Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Abaetetuba, 08 de outubro de 2021

Prof. Dr. Benilton Cruz
UFPA
Orientador

Prof. Ray Duarte
UFPA
Examinador

Dedico a Deus e a minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado esta oportunidade, pela paciência, sabedoria e por me dar condições em todos os sentidos de prosseguir dia após dia, por me ouvir nos momentos difíceis, por me fazer chegar até aqui com o sentimento de missão cumprida. Até toda honra, glória e louvor.

Ao meu orientador Benilton Cruz, por todo conhecimento que me foi transmitido.

A Universidade Federal do Pará (UFPA), pela minha formação acadêmica.

A minha família que sempre me apoiou, e esteve ao meu lado.

Aos que de maneira direta ou indiretamente contribuíram para realização deste trabalho.

Muito agradecida por vocês fazerem parte da minha história.

“Aprendemos que correr riscos significa sair do teto seguro que nos abriga, para atravessarmos a rua dos sonhos, da aventura e da busca do conhecimento no desconhecido.”

Legrand

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a narrativa da Cobra Norato de Raul Bopp, no imaginário amazônico, destacando o impacto e as contribuições da obra na valorização da cultura e do linguajar popular regional do Baixo Tocantins. A literatura é uma fonte indiscutível de difusão do conhecimento, e desempenha um papel disseminador de saberes e valores determinados pela cultura social ao longo de sua história social. Cobra Norato, foi o maior poema de Raul Bopp, foi idealizado em 1921, escrito em 1928 e publicado em 1931. É um poema narrativo composto por 33 cantos e ilustra o ciclo do herói moderno. Nele Raul Bopp se valeu de um farto material do folclore Brasileiro, em especial a cultura amazônica cujo objetivo era falar de um Brasil primitivo e mítico. Neste sentido, apontou-se na pesquisa que as narrativas do imaginário da Região do Baixo Tocantins estão representadas na obra de Raul Bopp, auxiliando na compreensão e herança cultural da região, além de influenciar de maneira significativa no movimento modernista. Contribuindo também para a história da literatura brasileira e consequentemente do mundo, pode-se então constatar que a Literatura da Amazônia enriquece o conhecimento e as obras literárias brasileiras. Raul Bopp durante sua viagem pela região, teve contato com as cenas, crenças e costumes, influenciando na construção de sua filosofia modernista brasileira e no movimento antropofágico, através de seus poemas foi levada a cultura da Região do Baixo Tocantins para o mundo. Desse modo, o trabalho está pautado nos teóricos como, Corrêa, (2020), Bopp, (2008), Oliveira, (2010), Peixoto, (2004), Averbuck, (1985), entre outros que colaboram de maneira significativa para o desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: Cobra Norato. Amazônia Tocantina. Cultura. Raul Bopp.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the narrative of *Cobra Norato* by Raul Bopp, in the Amazonian imagination, highlighting the impact and contributions of the work in the appreciation of the popular regional culture and language of Baixo Tocantins. Literature is an indisputable source of knowledge dissemination and plays a role in disseminating knowledge and values determined by social culture throughout its social history. *Cobra Norato*, the greatest poem by Raul Bopp, was conceived in 1921, written in 1928, and published in 1931. It is a narrative poem composed of 33 songs and illustrated the cycle of the modern hero. In it, Raul Bopp drew on a wealth of Brazilian folkloric material, especially an Amazonian culture whose objective was to speak of a primitive and mythical Brazil. In this sense, it was pointed out in the research that the narratives of the imagery of the Baixo Tocantins region are represented in the work of Raul Bopp, helping to understand the region's cultural outcome, as well as being significantly conducted in the modernist movement. Contributing also to the history of Brazilian literature and, consequently, to the world, it can be seen that the Literature of the Amazon enriches Brazilian knowledge and literary works. Raul Bopp during his trip through the region, had contact with the scenes, beliefs, and customs, influencing the construction of his Brazilian modernist philosophy and the anthropophagic movement, through his poems the culture of the Baixo Tocantins region was taken to the world. Thus, the work is guided by theorists such as Corrêa, (2020), Bopp, (2008), Oliveira, (2010), Peixoto, (2004), Averbuck, (1985), among others who collaborate in a conditioned way for the development of this work.

Keywords: *Cobra Norato*. Tocantina Amazon. Culture. Raul Bopp.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Extensão da Amazônia Internacional.....	18
Figura 2 – Território da Amazônia Legal	18
Figura 3 – Região do Baixo Tocantins	20
Figura 4 – Cobra Grande do imaginário da Amazônia Tocantina.....	20

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 ESTILO LITERÁRIO DA OBRA – MODERNISMO	12
1.2 O AUTOR, VIDA E OBRA	14
1.3 A AMAZÔNIA E A REGIÃO BAIXO TOCANTINS	17
1.4 MITOS E LENDAS	21
2 OBRA-COBRA NORATO	24
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS	29
GLOSSÁRIO	34

INTRODUÇÃO

A literatura é uma fonte indiscutível de difusão do conhecimento, e desempenha um papel disseminador de saberes e valores determinados pela cultura social ao longo de sua história social. Através de obras literárias e narrativas orais, a cultura de uma nação pode ser expressa e reconhecida, e também pode ser salva e transmitida às gerações futuras.

No que diz respeito à sociedade amazônica, a literatura e as obras históricas confirmam que grandes mudanças culturais ocorreram durante seu desenvolvimento, a maior parte das quais são conhecimentos sobre os estilos de vida e a cultura dos povos tradicionais da Amazônia. O imaginário da Região Amazônica está repleto de personagens que espalham muitas histórias e narrativas orais pela região, devido à mobilidade de parte da população, ainda são ativas e pulsantes em comunidades tradicionais e grandes centros urbanos, do campo às grandes cidades. A característica desses personagens é a conexão com os elementos ligados: à terra – Curupira e Mapinguari; ao ar – Matinta Perera, o Uirapuru dentre outros; ao fogo – Fátuo e a história do dinheiro enterrado; e a água – Boto, Yara e a Cobra Grande (CORRÊA, 2020).

Nas narrativas orais, os mitos são objetos de representação cultural, pois, através deles pode-se expressar a identidade cultural da região. Neste contexto, este trabalho tem como objetivo analisar a narrativa da Cobra Norato de Raul Bopp, no imaginário amazônico, destacando o impacto e as contribuições da obra na valorização da cultura e do linguajar popular regional do Baixo Tocantins. O conto intitulado “Cobra Norato” de Raul Bopp, é um poema narrativo com enredo que constitui a história de aventura do herói, que manda chamar a cobra Norato, a estrangula, e veste sua pele de seda elástica e viaja em busca da mulher ideal, a filha da Rainha Luzia.

Portanto, este trabalho é norteado por uma metodologia originalmente consubstanciada na pesquisa bibliográfica encontrando referenciais teóricos e acadêmicos da área para apoiar esta pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (2012), as técnicas de pesquisa bibliográfica permitem que o pesquisador tenha acesso direto a todos os materiais publicados sobre o assunto, que serão processados em seu trabalho. Entretanto, este método envolve a utilização de recursos de segunda mão para a realização de pesquisas, correspondendo a toda a bibliografia sobre o tema proposto, como livros, jornais, ensaios, monografias, publicações individuais, revistas, materiais audiovisuais, dentre outros.

Sendo que essa natureza se caracterizará por uma abordagem qualitativa, segundo a qual, para Triviños (1987), “não existe preocupação com números, medidas ou expressões

quantitativas, expressando uma visão mais subjetiva dos atores envolvidos”. Essa subjetividade estará presente no trabalho pela leitura analítica e crítica da obra de Raul Bopp.

Esses métodos visam fornecer ao pesquisador o embasamento teórico necessário ao trabalho de produção, não só para permitir a citação do conteúdo que vem sendo desenvolvido para um determinado assunto, mas também para analisá-lo e ter um novo enfoque, proporcionando assim novos conceitos e ganhos. Tirar novas conclusões.

Quantos aos objetivos, a pesquisa se pretende como explicativa porque:

[...] Quando o pesquisador procura explicar os porquês das coisas e suas causas, por meio do registro, da análise, da classificação e da interpretação dos fenômenos observados. Visa a identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos; “aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o porquê das coisas” (GIL, 2010).

Ressalta-se que neste trabalho de pesquisa o material bibliográfico utilizado incluirá principalmente publicações como livros, artigos e publicações individuais, e na consulta a essas fontes são necessários procedimentos como identificação, localização, compilação e listagem dessas fontes. Materiais relacionados ao objeto de pesquisa. Em suma, este trabalho tem como objetivo fornecer uma revisão da literatura sobre os temas supracitados.

Desse modo, a primeira etapa do trabalho foi a realização do levantamento bibliográfico, o qual se divide em compreender o estilo literário da obra, o ambiente em que a obra está inserida, a literatura regional com seus mitos e lendas, e em seguida destacar informações sobre o poeta Raul Bopp e suas obras, no capítulo seguinte, busca-se realizar a análise da narrativa mítica de “Cobra Norato” do escritor gaúcho Raul Bopp, destacando os conceitos, a repercussão, linguajar e a cultura da região do baixo Tocantis e o impacto da obra para literatura brasileira.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 ESTILO LITERÁRIO DA OBRA – MODERNISMO

O modernismo brasileiro surgiu após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que levou em milhares de mortes, destruição de várias cidades e instabilidade política e social, sendo este um dos importantes motivos para reorganizar o país politicamente e no campo da arte estimulado pela vanguarda europeia, buscando para romper com o tradicionalismo (ARGAN, 1992).

Em ordem cronológica, a primeira etapa do modernismo brasileiro teve início com a Semana de Arte Moderna, normalmente chamada de Semana 22, realizada no Teatro Municipal em São Paulo em fevereiro de 1922. A escolha para realizar neste ano é devido o centenário da independência do Brasil. Isso significa que o grupo organizador precisava urgentemente de uma representação efetiva do Brasil e de uma relação com o passado, a arte de lutar COELHO, 2012).

O modernismo brasileiro é um período muito longo, de 1922 a 1960, que reúne características e obras diferentes, por isso é dividido em três etapas, também chamadas de gerações: a primeira geração do modernismo compreende os anos de 1922 a 1930, a etapa heroica ou estágio de destruição; A segunda fase modernista de 1930 a 1945, considerada a fase de consolidação ou 30 gerações; e a geração dos 45, que compreende o período de 1945 a 1960 (LUZ, 2010).

O primeiro momento modernista também é chamado de “fase do herói” porque seu criador liderou o movimento com ousadia (SUASSUNA, 2012). Após a SAM, os artistas investiram em diversas formas para divulgar novos padrões artísticos, visando consolidar o conceito de renovação cultural (AMARAL, 2010). Fruto da ideia da elite intelectual paulista, que passou a questionar nossa identidade nacional e produção cultural. Em primeiro lugar, eles acreditam que o Brasil precisa modernizar sua arte para que não seja apenas uma cópia da arte europeia, como era antes do modernismo, o modernismo brasileiro é conhecido como um período de ruptura nos campos da cultura, da arte, da economia e da política (BOPP, 2012).

Os escritores e as obras mais relevantes da primeira geração modernista, foram: Mario de Andrade (1893-1945) e as obras: *Paulicéia Desvairada* (1922), *Amar, Verbo Intransitivo* (1927) e *Macunaíma* (1928); Oswald de Andrade (1890-1954) com suas obras; *Os condenados* (1922), *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924) e *Pau Brasil* (1925); e Manuel

Bandeira (1886-1968), com as obras, *A cinza das horas* (1917), *Carnaval* (1919) e *Libertinagem* (1930).

A primeira geração de modernistas aproveitou o clima nacionalista que prevalecia no Brasil no início do século XX e aprofundou esse problema. Portanto, o principal objetivo desta geração é negar o localismo estreito, porque somente através da universalidade podemos nos tornar uma nação, com foco na urbanização e na modernidade (ARRUDA, 2016). Porém, ao contrário da segunda geração, a primeira geração é mais estética porque não se preocupa em estabelecer os alicerces da identidade nacional brasileira e modificar toda a sua produção cultural (FERRAZ, 2016). Tem como foco apresentar o modernismo ao povo brasileiro e inseri-lo no meio artístico, o que é muito importante porque é preciso consolidar o movimento diante de uma proposta tão magnífica (COELHO 2012).

A estratégia adotada pelos primeiros modernistas foi a publicação de várias revistas, entre as quais “Klaxon” foi a primeira revista publicada em São Paulo, considerada a primeira ferramenta de divulgação do movimento modernista brasileiro, e permaneceu em circulação até janeiro de 1923, tendo apenas nove edições, a revista Klaxon era inovadora em todos os aspectos e tornou-se modelo para diversas futuras revistas, como a *Revista Antropofagia* (AMARAL, 1968).

Em 1924, Oswald de Andrade deu início ao “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, enfatizando a reflexão da história passada e na valorização das diversas culturas do Brasil para criar poesia. Menotti del Picchia, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo reagiram manifesto com o movimento “Verde-Amarelo”, que propunha um nacionalismo mais vaidoso com tendências nazistas fascistas, o grupo passou a se chamar Escola da Anta, pois, segundo eles, era símbolo de nacionalidade (GONÇALVES, 2012).

Em 1928, Oswald, Raul Bopp e Tarsila do Amaral rebateram o nacionalismo xenófobo de Anta com o “Movimento Antropofágico”, que foi uma fusão de comunismo, freudismo e matriarcado que pretendia “dissipar” influências estrangeiras e usar suas inovações artísticas, porém imprimindo a identidade cultural do Brasil na arte e na literatura (CEREJA E MAGALHÃES, 2000).

A segunda fase do modernismo, chamada de fase de consolidação ou geração dos anos 1930, começou em meados dos anos 30 e durou até o final da Segunda Guerra Mundial em 1945 (COELHO, 2012). Os eventos da época promoveram o desenvolvimento do país e entraram no ritmo da industrialização e do progresso científico. Diferenciando da primeira geração, por ser considerada mais construtiva, visto que a primeira fase, que é mais destrutiva e radical, as obras da segunda geração de artistas apresentam maior equilíbrio e racionalidade.

O nacionalismo, talvez seja a característica mais distintiva do modernismo, onde separou os seguidores do movimento ideologicamente (BARBOSA, 1988; BOSI, 2006).

Este momento maduro da literatura brasileira é caracterizado pelo nacionalismo, regionalismo e temas sociais, e é dominado por uma literatura mais crítica e revolucionária (BARBOSA, 1988). Além da prosa ficcional, a poesia brasileira também se consolidou, o que significa o maior sucesso para os modernistas, ocorrendo uma vasta produção literária em poesia e prosa.

Segundo Barbosa (1988), esse foi um período de perseguição à ditadura de Vargas, tortura e repressão, censura da mídia e intelectuais que reagiram à situação vivida pelo país. As obras literárias da época apresentavam um estilo que incluía uma nova atenção à ordem política, social, econômica e espiritual.

Destacam-se nesta fase os seguintes autores: Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Murilo Mendes (1901-1975), Jorge de Lima (1893-1953), Cecília Meireles (1901-1964) e Vinicius de Moraes (1913-1980).

A terceira fase do movimento modernista, também conhecida como “geração 45”, representou outra transformação no campo literário, apresentando um caráter mais íntimo, nomeadamente a investigação psicológica, introspectiva e regionalista. Nesta fase apresenta-se uma linguagem mais objetiva e equilibrada, fortemente influenciada pelo parnasianismo e simbolismo, destacando a oposição à liberdade de forma (BARBOSA, 1988).

Pelo valor da linguagem, os autores da época eram considerados instrumentistas, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, sendo considerados também a geração pós-modernista. Destacam-se nesta fase Mario Quintana (1906-1994), João Cabral de Melo Neto (1920-1999), Guimarães Rosa (1908-1967) e Clarice Lispector (1920-1977).

Os autores do modernismo buscavam o primitivismo em índios e negros, que são elementos primitivos da cultura brasileira, onde pode-se reconstruir a realidade do país e tentar retratar a mistura cultural e étnica existente no país. O poema “Cobra-Norato” de Raul Bopp pode ser o exemplo mais importante de exploração da poesia do primitivismo (DIAS, 2006).

1.2 O AUTOR, VIDA E OBRA

O poeta, cronista, advogado, jornalista e diplomata Raul Bopp foi um viajante incansável, viajou pelo Brasil e pelo mundo. Bopp é descendente de imigrantes alemães, nasceu em uma pequena vila em Santa Maria – RS, em 4 de agosto de 1898 (ANDRADE, 2019).

A paixão por viajar vem desde a infância passada em Tupanciretã no Rio Grande do Sul onde se mudou com apenas um ano de idade, este local era tranquilo, pouco povoado, com apenas uma rua e estação ferroviária, que servia de passagem para o exército e carros de boi para diferentes destinos (OLIVEIRA, 2010).

Com apenas 16 anos, Bopp ficou fascinado com a história que ouviu e impulsionado pelo desejo de conhecer novos lugares, ele embarcou em uma jornada que inspirou seu trabalho pela primeira vez, a viagem que durou cerca de oito meses, representando a verdadeira cerimônia da maioridade (MASSI,1998).

Terminou em 1918 após ter cruzado as fronteiras da Argentina, Paraguai, centro e sudoeste do Brasil, retornando a Tupanciretã, para ter condições de dar continuidade à sua exploração, acumulou algumas experiências ásperas, até trabalhando em serraria e como pintor de paredes (BOPP, 1969).

Na faculdade, Bopp deu continuidade as suas viagens pelo Brasil. O poeta formou-se em direito, passando seu período acadêmico por quatro faculdades, sendo seus dois primeiros anos cursados no Rio grande do Sul, o terceiro ano em Pernambuco, o quarto em Belém do Pará e o quinto no estado do Rio de Janeiro (BOPP, 2008).

Bopp, estabeleceu uma união entre a viagem e a escrita, as tradições orais e os registros de poesia, paisagens e mitos. Dentre as diversas viagens e primeiras aventuras do poeta, destaca-se como a mais importante a viagem para a Amazônia, onde foi sua imersão no tesouro de lendas, folclore e saberes populares (OLIVEIRA, 2010).

Segundo Bopp (2008), sua permanência na Amazônia por mais de um ano teve um impacto significativo, devido o vasto cenário, que se estende pelos rios que podem ser vistos por toda parte, onde segundo o autor reflete um estranho encanto na mente das pessoas. Para Bopp, a floresta é uma esfinge indecifrável, onde aprendeu uma nova forma de apreciar as coisas, e aos poucos aprendeu a “sentir o Brasil”, tendo seu sentido mágico revelado por completo (BOPP, 2008).

A influência dessa experiência de Bopp pode ser observada nos textos poéticos “A Santa de Taquati” e “Mangoré”, poemas que pertenceram à primeira fase de sua criação, onde o poeta fez uso do folclore da Amazônia de formas inovadoras.

Depois de se formar em direito, o poeta voltou a São Paulo com as interessantes experiências que acumulou em suas viagens pelo país, em 1922 participou da Semana de Arte Moderna de São Paulo. No período compreendido de 1927 a 1928, Bopp e o romancista Oswald de Andrade e a artista plástica Tarsila do Amaral estreitam laços. Junto com eles, integrou os movimentos Pau-Brasil e Antropofágico, sendo uma das principais figuras do movimento, pois,

neste mesmo período que, além de escrever poemas, Bopp passou a ser redator no Jornal Diário de São Paulo, passando a ter um papel fundamental para a divulgação do movimento, já que enviava correspondências para cerca de 7.000 membros da Associação Paulista de Boas Estradas (BOPP, 2008).

Inspirado pela atmosfera criativa das reuniões do movimento, Bopp associou sua estada em Belém, onde obteve um vasto acervo de “causos”, contos, narrativas e lendas durante suas viagens pelo interior da região amazônica, a convivência e experiências trocadas com Tassila e Oswald de Andrade, e em 1931 publicou poema narrativo “Cobra Norato”, sua primeira coleção de poemas e uma das mais importantes coleções de poemas do modernismo (ANDRADE, 2019).

O poema narrativo com enredos que constituem a história de aventura do herói, que manda chamar a cobra Norato, a estrangula, e veste sua pele de seda elástica e viaja em busca da mulher ideal, a filha da Rainha Luzia. Cobra Norato rendeu a Bopp a aprovação dos críticos e um lugar de passagem em variadas antologias e história literária (BOSI, 1994).

Em seguida, uma viagem o inspira a escrever “Como se Vai de São Paulo a Curitiba”, e “Urucungo”, publicado no ano seguinte, Bopp voltou-se para a cultura africana e sua influência na história do Brasil, traçando sua jornada das aldeias às margens do rio Congo à realidade das favelas (CANDIDO, 2007).

Após a publicação destes poemas, Bopp ingressa na carreira diplomática, voltando-se também à redação de artigos e memórias. Movido pelo prazer de viajar, Bopp pediu a seu então amigo próximo, o presidente Getúlio Vargas, para entrar no serviço público, onde poderia combinar seu interesse em viagens com seu compromisso de melhorar as projeções do índice de comércio exterior do Brasil, Bopp foi nomeado contratado auxiliar do Consulado do Brasil em Kobe, Japão, em 25 de maio de 1932 (CUNHA, 2019).

Segundo Massi [1998], no período compreendido de 1942 a 1973, o poeta e agora diplomático, viveu nos Estados Unidos, Suíça, e nas cidades do Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre. Publicou, dentre outros, os livros em prosa “América, Notas de um Caderno sobre o Itamaraty”, “Movimentos Modernistas no Brasil: 1922/1928”, “Memórias de um Embaixador”, “Bopp Passado a Limpo por Ele Mesmo”, “Vida e Morte da Antropofagia” e “Longitudes”. Sua obra poética inclui “Poesias” (1947) e “Mironga e Outros Poemas” (1978). Após a primeira publicação, “Cobra Norato” ainda houve novas edições durante a vida do autor, e o texto original era revisado a cada edição (BOPP, 2008).

Bopp foi poeta, advogado, jornalista e diplomata, mas o mais importante, um entusiasmado viajante. Desde muito jovem começou a viajar pelo mundo e nasceu com ele o

desejo de realizar mudanças geográficas e culturais contínuas. Ele sempre estava aberto às diferenças, sendo um viajante destemido, com sensibilidade apurada, que rompeu fronteiras e entendeu o mundo da forma mais diversa e viva de se expressar. Com isso, é impossível pensar em Bopp sem estabelecer a ligação entre sua obra e sua vida, construindo assim uma ponte metafórica para pensar a literatura.

1.3 A AMAZÔNIA E A REGIÃO BAIXO TOCANTINS

A Amazônia possui riquezas naturais mundialmente famosas, que eventualmente formaram a base cultural do Brasil. Lendas como Boto e Cobra Grande são mitos amazônicos e têm uma história sagrada. Por causa dos seus aspectos, elas são contagiosas com sentimentos sobrenaturais, e esses sentimentos sobrenaturais fazem parte do conhecimento ficcional da Amazônia (CASTRO, 2019).

A Amazônia é conhecida como uma grande floresta tropical densa (78% da cobertura vegetal do Brasil e 30% das áreas protegidas do mundo). As suas árvores têm folhas largas e permanecem verdes durante todo o ano. Na verdade, elas contêm uma variedade de ecossistemas terrestres. As espécies aquáticas, por sua vez, são refletidas na diversidade de espécies vegetais e animais (BECKER, 1997). A complexidade da região, em termos de território e população difere no que faz e como sujeito reage à prática social cotidiana.

A região amazônica é uma grande parte do Brasil, respondendo por mais de 50% do território do país. Além de atingir os países vizinhos. A floresta amazônica, os seus pássaros, animais, rios e pessoas que vivem aqui fazem parte desta paisagem.

Quanto a sua localização, situa-se, em maior parte, na Região Norte do Brasil, fazendo fronteira com a Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela e ocupando parte do seu território, como ilustrado na Figura 1 (PEREIRA, 2016). Caracterizando-se como um território com proporções incalculáveis em termos de recursos naturais, a sua fauna, flora e produtos minerais. Esses territórios em países que não pertencem ao Brasil são chamados de Amazônia Internacional, porque cobrem 35,7% dos países mencionados (IMAZON, 2010).

Figura 1 - Extensão da Amazônia Internacional



Fonte: Kindersley, 2003.

A região no território brasileiro é chamada de Amazônia legal, que responde por 64,3% da área total, e 58,8% do território nacional do Brasil (IMAZON, 2010), é o local com maior extensão territorial e maior concentração de socio-biodiversidade do planeta (PEREIRA, 2016). A Amazônia legal abrange os seguintes estados: Mato Grosso, Pará, Rondônia, Acre, Amapá, Amazonas, Roraima, Maranhão e partes do Estado do Tocantins, como pode-se observar na Figura 2.

Figura 2 – Território da Amazônia Legal



Fonte: IBGE, 2020.

A Amazônia é rica em diversidade, pois, a floresta é um mundo de pessoas, visões, conhecimentos, cores, cheiro, sabores e histórias (ALMEIDA, 2010). Vivenciar a Amazônia não é apenas fazer parte dela, mas também de uma fábrica de imagens, sonhos e realidade que transcendem a realidade e a imaginação, as florestas e rios contribui de maneira significativa para o imaginário de seu povo (SANTOS, 2017).

O espaço também é um local onde ocorrem diversos eventos narrativos, devido seus vastos rios e a floresta exuberante. Para, Loureiro (2001) os rios desempenham um papel importante porque promovem o ciclo da vida amazônica, pois estão por toda parte e tudo ocorre em torno dele. Ainda segundo o autor a Amazônia é um ambiente propenso ao devaneio, que estimula a motivação para criar o surrealismo na realidade, uma cor que conecta a realidade ao surrealismo, esta peculiaridade é instigadora da imaginação.

Para ele, a contemplação fantasiosa de rios e florestas forneceu aos amazônicos os elementos básicos para a criação de imagens poéticas e estéticas. É estético, porque “[...] decorre de uma relação sensível que permeia a forma de contato do homem com a realidade, em sua existência como existência social” (LOUREIRO, 2001).

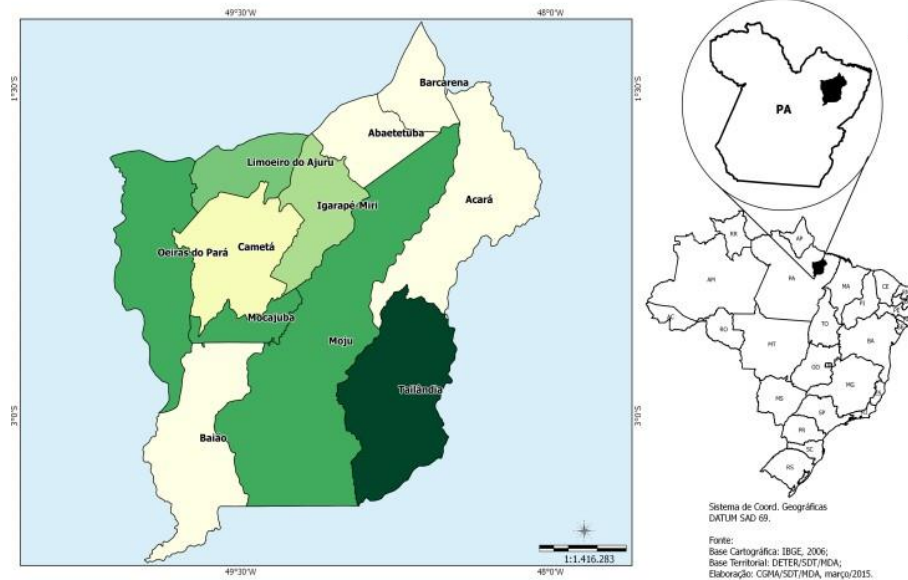
Cabe salientar, algumas figuras representativas cujas obras estão carregadas de tradições míticas amazônicas, como: José Veríssimo, Euclides da Cunha, Dalcídio Jurandir, Eneida de Moraes, Benedito Monteiro, e o escritor Raul Bopp, que com suas experiências de viagens pelo mundo e pelo Brasil desde muito jovem, suas participações em festivais folclóricos em diferentes partes do país, e principalmente pela Amazônia, que ao visitar ficou deslumbrado e maravilhado ao conviver com a realidade amazônica (SANTOS, 2017).

Fazendo que com o seu contato com as cenas, lendas, mistérios, animais, plantas, crenças, usos e costumes estabelecessem sua filosofia modernista brasileira no movimento antropofágico (BOPP, 2008). A lenda da cobra Norato é uma das mais paraenses das heranças amazônicas este relato oral passou principalmente pelas cidades de Cametá, Abaetetuba, Barcarena e Belém, e em quase todo território conhecido como a Região do Baixo Tocantins.

A Região do Baixo Tocantins está localizada no nordeste do Estado do Pará. Segundo dados da Secretaria Nacional da Integração Regional, seu território é de 35.838,56 km², o que

equivale a 2,87% do território do estado (SEIR, 2009). O Território Cidadão do Baixo Tocantins – PA abrange 11 municípios: Abaetetuba, Acará, Baião, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Moju, Oeiras do Pará e Tailândia, conforme ilustrado na Figura 3.

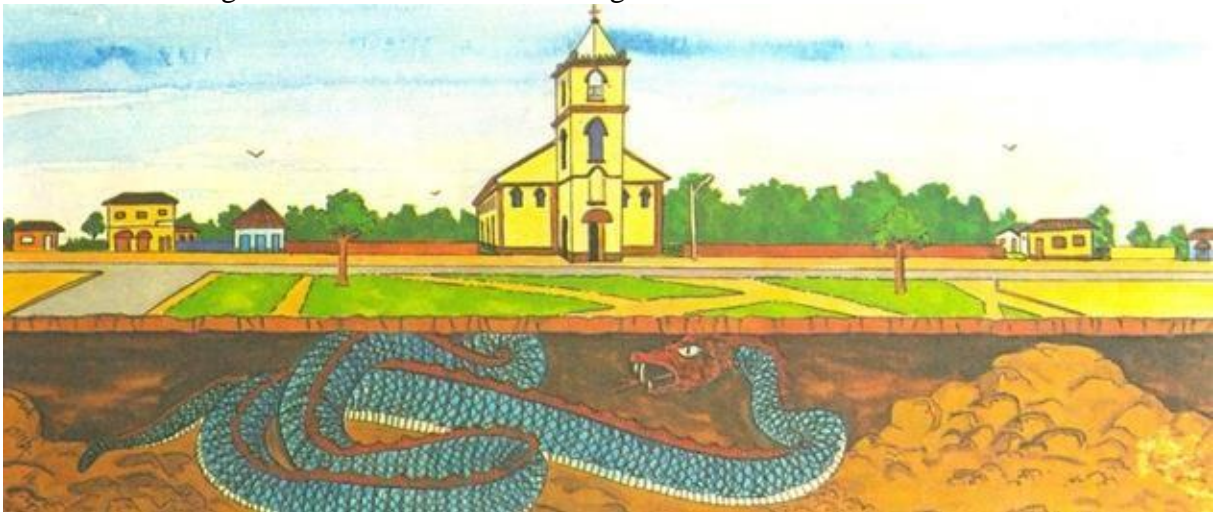
Figura 3 – Região do Baixo Tocantins



Fonte: CGMA, 2015.

A lenda da cobra grande é muito famosa na região amazônica, principalmente no estado do Pará, conta-se que em algumas áreas, uma cobra enorme vive no subsolo, como ilustrado na Figura 4, essa cobra seria alimentada por padres e/ou moradores através de poços, ou buracos, e que caso se movimente poderá causar um terremoto que pode destruir várias cidades da região.

Figura 4 – Cobra Grande do imaginário da Amazônia Tocantina.



Fonte: Diana, 2019.

Raul Bopp descreveu as crenças, usos e costumes da Amazônia em todo o poema *Cobra Norato*, quando em seus versos mencionavam: “para quebrar um verso”; “para dona de casa”; “chorando na viola”; “golinho de cachaça ardosa”; “trance pernas com a moça”; “esse decumê”; “goela com tiquira”; “uma fumadinha”; “naco de feno pro curupira”; “esperazinho”; “puçanga”; “entrou no cano da Sé”.

Cabe salientar que a Amazônia, com suas características únicas e expressivas, ainda hoje dá uma contribuição significativa como fonte inspiradora de diversas expressões culturais, conforme já mencionado. Suas características únicas como mestiços e natureza exuberante são inspiradoras e, ao mesmo tempo, expressa seus sentimentos, o que é inesquecível (SANTOS, 2017).

1.4 MITOS E LENDAS

A existência de lendas e mitos é um elemento que existe na memória e na imaginação de qualquer sujeito da comunidade humana, contar a história do passado é valorizar a cultura e a identidade local, essas histórias devem ser registradas e transmitidas às gerações futuras. Dessa forma, o poder de contar uma história comum de pessoas que vivem na região amazônica que existe até hoje leva a uma valorização dos elementos do presente, como os aspectos misteriosos dos personagens e os poderes sobrenaturais (CASTRO, 2019). Muitos mitos e lendas amazônicas estão relacionados à relação do homem com o meio ambiente, portanto, à relação do homem com a natureza.

Lendas e mitos são histórias sem autoria conhecida, criadas por pessoas de diferentes lugares e épocas para explicar os fatos dos fenômenos naturais, como o surgimento da terra e dos seres humanos, dia e noite. Também contam sobre heróis, deuses, monstros e outras criaturas maravilhosas (DE SÁ & EGAS, 2015). Embora o período atual seja denominado pós-moderno e seja caracterizado pelo cientificismo e pelo progresso da alta tecnologia, a existência de lendas e mitos é comum em qualquer sociedade. A esse respeito, Carneiro Júnior *et al.* (2005) enfatizam:

Quem vai podar o homem dos sonhos, das suas ilusões, da imaginação fértil e livre que constrói os básicos sentidos para o mundo e a vida. Isso, até hoje, não pode, e não deve ser contido. Os símbolos e a linguagem (outro símbolo) planam soltos. Vêm, de onde ninguém sabe. E são eles que identificam uma sociedade, um povo, dando-lhe uma identidade singular, onde quer que ele esteja (CARNEIRO JÚNIOR *et al.*, 2005).

Para o autor, esse fenômeno não pode ser contido, nem deveria ser contido, pois, a identidade se obtém por meio deles, que constituem seu símbolo no mundo e na sociedade.

“A palavra lenda provém do baixo latim *legenda*, que significa “o que deve ser lido”. As lendas são muito comuns na região amazônica e são apresentadas na forma de narrativas orais ou escritas, mas a grande maioria das lendas amazônicas é divulgada oralmente. O aspecto mais frequente é a transmissão que se dá de forma subjetiva, cheia de charme e fatos maravilhosos, que envolvem o público e se sentem parte da narrativa.

Para Bayard (1978), “A lenda existe desde a formação do clã, da sociedade e os temas se desenvolvem com preocupações semelhantes em todas as culturas”. Segundo Holanda (1986), a lenda é “uma narrativa escrita ou oral maravilhosa em que os fatos históricos são distorcidos pela imaginação popular ou poética”. Pode-se ver que independentemente da cultura, os temas ou acontecimentos retratados, as lendas foram e são importantes para o lugar que são desenvolvidas.

A presença de um espaço geográfico permanente nas lendas deve ser enfatizada. Portanto, em cada lenda relatada, a localização do fato é especificada. Para Cascudo (1984):

As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, *legenda*, “*legere*” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço (CASCUDO, 1984).

As lendas costumam ser confundidas com mitos e, em última análise, são entendidas como uma extensão ou atualização dos mitos. Cabe salientar que as lendas não tentam explicar a criação do universo ou dos elementos naturais como o sol, a lua e as estrelas, pois são difundidas como contos, para se espalhar como histórias, no entanto, os mitos procuram explicar a criação do mundo e seus elementos em geral. Na sociedade atual, as lendas são consideradas histórias contadas às crianças e têm funções estritas de entretenimento. No entanto, “Se elas representam um divertimento é apenas para a consciência banalizada do homem moderno (UEA, 2003).

Diz que “a palavra grega *mythos* da qual deriva a portuguesa “mito” originalmente significa simplesmente “palavra”, “fábula” ou “história”. O objetivo do mito é criar uma explicação que satisfaça a indagação de um fato questionado (WILLIS, 2007).

É preciso entender que o mito é a explicação mais convincente da época, acompanhada do desejo humano de buscar a verdade. Para Ferreira (1999), “O mito é um ideal da humanidade, significação simbólica transmitida de geração em geração, é considerada autêntica dentro do

grupo, tem relatos sobre a origem de um determinado fenômeno pelo qual se postula uma explicação de ordem natural”.

O que determina o mito é a origem das coisas ou fenômenos e suas maravilhosas explicações, através de seres sobre-humanos. A mitologia sempre esteve relacionada à criação do mundo, aos elementos da natureza e à busca pela interpretação e sentido da vida. Sendo a cultura grega a mais mítica das culturas, ela sempre foi cheia de questionamentos, sendo também objeto de pesquisas para compreender sua origem e influência na sociedade contemporânea (DE SÁ & EGAS, 2015).

A linguagem da mitologia é universal e carregada de significado simbólico, além de popular nos dias de hoje, também passou por uma nova releitura, pois a mitologia é sempre narrada, e toda narrativa sofrerá algumas modificações. Eles fazem parte de diferentes maneiras de entender o mundo e falar sobre quem somos.

Um exemplo disso é o fenômeno natural do Trovão. Para os Vikings, isso é atribuído ao deus Thor usando seu martelo, no contexto indígena brasileiro, o mesmo fenômeno é entendido como o deus Tupã o qual controla os raios e os trovões.

Para De Sá e Egas (2015), os mitos revelam a maior parte da cultura à qual pertencem, porque expressam a experiência, os desejos e os desejos humanos por meio de eventos marcados pelo comportamento, e esses eventos carregam a maior parte de nosso comportamento contemporâneo em seu comportamento. Em todo mito amazônico, há um pouco de observação da cultura local e das diversas formas que o homem percebe o mundo ao longo da história da civilização.

A maioria das lendas e mitos amazônicos estão relacionadas à proteção da natureza e à capacidade das pessoas de coexistirem pacificamente com o meio ambiente. São histórias que auxiliam a retratar uma determinada cultura, pois mostram os costumes, regras, religiões e comportamentos aceitos e respeitados por essa sociedade por meio de suas narrativas. Representa o certo e o errado de forma simples, assim como o respeito pelos mais velhos e todos os conhecimentos que eles adquiriram.

2 OBRA-COBRA NORATO

Cobra Norato, foi o maior poema de Raul Bopp, foi idealizado em 1921, escrito em 1928 e publicado em 1931. É um poema narrativo composto por 33 cantos e ilustra o ciclo do herói moderno. Nele Raul Bopp se valeu de fato material do folclore Brasileiro, em especial a cultura amazônica cujo objetivo era falar de um Brasil primitivo e mítico (PEIXOTO, 2004).

Segundo Peixoto (2004), O primeiro poema é bastante representativo das narrativas populares, pois se inicia pelo sintagma “Um dia...”, nada mais do que uma variação do conhecidíssimo “Era uma vez...” Somos introduzidos, de imediato, no espaço geográfico mítico em que a aventura vai acontecer: as “terras do Sem-fim”, a imensidão do mundo amazônico, cheio de mistério.

Em seguida, instala-se o elemento mágico-lendário: o herói arquiteta um plano para matar a Cobra Norato, encantando-a com uma poção **puçanga** feita de uma das plantas mágicas da Amazônia o tajá de lagoa. O clima de “faz-de-conta”, segundo o autor bem representativo das histórias infantis, se instala; o herói chama a cobra para contar-lhe uma história como se faz com as crianças, pede que ela imagine que faz luar, as estrelas conversam, e ele “brinca” de amarrar uma fita no pescoço do animal, matando-o.

Entra na pele da cobra, se embrenha pela mata, assumindo sua nova identidade. Uma voz dialoga com o herói, talvez a própria mata que fala muito durante o poema, anunciando-lhe ao leitor que ambos entrarão num clima de encantamento, de sono e de sonhos “O sono escorregou nas pálpebras pesadas/Um chão de lama rouba a força dos meus passos”.

O sono e o sonho são retomados, logo no primeiro verso deste poema, quando o narrador nos apresenta a floresta: ela é cifrada, isto é, inexplicável pela razão. Por ser cifrada, ela será vista quase sempre através da metáfora, um dos elementos mais marcantes do poema. Juntamente com a metáfora, e fazendo parte intrínseca dela, surge a prosopopeia; na realidade, são essas às duas principais figuras de estilo presentes no poema.

Segundo Cardoso (2008), Cobra Norato é a saga de um eu poético que mergulha no mundomaravilhoso do sonho, encarna a cobra lendária da Amazônia e segue para as “ilhas decotadas” as terras do Sem fim, em busca da mulher desejada. Este estágio que se refere ao “chamado da aventura”, segundo os padrões campbellianos, evidencia a convocação do destino e transferência do herói do centro da sociedade para uma região desconhecida, cujo arauto é a voz do inconsciente que se manifesta espontaneamente na intenção do herói de habitar as terras do Sem-fim, e casar-se com a filha da rainha Luzia, um desejo de construção da paridade contra sexual.

O termo “Sem-fim” remete para os horizontes sem fronteiras do imaginário, confirmando, dessa forma, a irrupção do inconsciente.

Segundo Campbell (1993), a ‘aventura do herói’ pode-se dar sob várias formas, inclusive um convite, o que acontece com Cobra Norato: “Vamos passear naquelas ilhas decotadas? Faz de conta que há luar”. Vivendo o maravilhoso, penetrando num mundo onde tudo é possível, o eu poético “brinca de estrangular a cobra” e veste sua pele de seda elástica, o que constitui o transporte da jornada que dura cerca de três dias, camufla-se e corre para o mundo da selva, atingindo o primeiro limiar.

A violência desse ato denuncia um gesto instintivo do herói e proclama sua atitude de defesa contra os arquétipos. Entretanto, matar a cobra e se vestir com seu escalpo significa para este herói um disfarce para penetrar na ‘terra do tesouro’, pois se assemelha à Cobra Grande, contra quem terá que lutar para se apossar da “filha da rainha Luzia” que está sob sua propriedade; por outro lado, a casca da serpente facilita sua mobilização na floresta, uma vez que na condição de simples homem, não superaria os obstáculos.

Contudo, para realizar seu intento, o herói deverá mergulhar no sono e vencer etapas probatórias, uma espécie de “prova de competência”, visando seu adestramento heroico: “Então você tem que apagar os olhos primeiro/ O sono escorregou nas pálpebras pesadas/ um chão de lama rouba a força dos meus passos”. Após matar a cobra, algumas tarefas lhe são impostas. Vencidas todas elas, Cobra Norato após “passar por sete portas” chega à floresta o inconsciente, cujos terrores pânticos metaforizados pelos gritos de “Ai me acudam!”, são medos das revelações do desconhecido.

Assim, o pavor da “sombra que esconde as árvores” representa o temor ancestral da floresta e dos rios, que o inconsciente coletivo guarda como lugar onde habitam seres que devoram ou destroem o homem. Não obstante aos perigos, o herói é cada vez mais atraído pela majestosa floresta. Essa atração significa, do ponto de vista psicológico, um rompimento com o mundo real e, conseqüentemente, um retorno às origens, à Grande Mãe (BOPP,1994).

Assim como na visão mágico-poética referente ao reino encantado dos contos de fada, o caminho que leva à filha da rainha Luzia é igualmente guardado por sentinelas. Ao adentrar a “floresta cifrada”, o herói Cobra Norato é interceptado por diversos sapos “Sapos beijudos me espiam/ onde vais Cobra Norato”, eles metaforizam os guardiões do limiar de passagem. Porém, com a ajuda de alguns amuletos doados pelo Pai do mato o guia transpessoal, o herói serpente vence a todos, e segue a jornada por terra e por água (BOPP,1994).

Mais adiante, cai num charco e dessa vez recebe ajuda do Tatu-de-bunda-seca (o guia de passagem), “Olelé. Quem vem lá? / Eu sou o Tatu-de-bunda-seca/(...)/ me ensine a sair desta goela podre”. O Tatu não só o ajuda a sair do atoleiro, como o conduz pela escuridão da selva.

No caudal psicológico o guia pode ser personificado como uma figura real que conduz o ‘sonhador’ pelo reino interior da experiência, ou poderá também manifestar-se de modo muito sutil, na forma de um palpite ou uma intuição, que, se obedecida, revela-se a coisa certa. Enquanto a Cobra Norato descansa pensa em assistir ao casamento da Cobra Grande com uma bela donzela, fato que acontecerá no dia seguinte. À entrada do buraco da Boiúna local da boda, descobre que a noiva é exatamente àquela com quem deseja se casar: “Esta é a entrada da casa da Boiúna/ cururu está de sentinela/desço pelos fundões da grotta/(...)sabe que é a moça que está lá em baixo nuinha em flor? / – É a filha da rainha Luzia” (BOPP,1994).

Trava uma luta com seus oponentes: primeiro, os sapos “beijudos” depois, contra a própria Cobra Grande, de quem foge, auxiliado pelo Pai do mato, que é metaforizado do ponto de vista mítico, o guia transpessoal: “Então corra com ela depressa/não perca tempo, compadre/ Cobra Grande se acordou”. Ao final, sagra-se vencedor e recebe a cativa como prêmio, mas não retornou ao local de onde partiu, preferiu seguir o curso do seu caminho de volta para o Sem-fim, permanecendo mergulhado no sonho.

Os poemas de Cobra Norato são bastante representativos pela cultura e a linguagem ribeirinha do baixo Tocantins, como podemos verificar nos seguintes versos “me **enfio** nessa pele de seda elástica e saio a correr mundo”, “Ah **compadre** Tatu que bom você viraqui [...]” a palavra **enfiar** e **compadre** são expressões populares da região, onde **enfiar** tem o sentido de vestir a pele do animal e expressão compadre é uma forma de cumprimento.

Destaca-se também na obra a cultura da pajelança, produção artesanal da farinha de mandioca, os rituais de banhos para tirar o mal olhando, cotação de causos são culturas fortes da região e bastante visíveis nos seguintes versos. “Mulheres trabalham nos ralos mastigando os cachimbos Chia a caroeira nos tachos mandioca-puba pelos tipitis”, “— Joanhina Vintém conte um caso — Causo de quê? — Qualquer um — Vou contar caso do Boto”, “Mais adiante uma pajelança”, “Mestre Paricá chama os doentes de sezão de inchaço no ventre espinhe

caída.” “Pajé faz uma benzedura de destorcer quebranto”, nesses versos está nítida a cultura regional.

No dizer de Lígia Morrone Averbuck, a obra de Bopp representa uma das mais significativas realizações do “projeto de incorporação dos falares rurais e populares pela linguagem poética, sonhado pelos modernistas de 22” (AVERBUCK, 1985).

CONCLUSÃO

Quando iniciei esta pesquisa a intenção era fazer uma correlação da obra de cobra Norato de Raul Bopp com o mito da cobra grande da região do baixo Tocantins em especial a cidade de Abaetetuba-Pa, onde iria coletar dados, através de uma pesquisa sobre o mito da cobra grande, por conta do momento pandêmico (covid-19) que estamos vivendo, não foi possível fazer a pesquisa e trabalho sofreu adaptações.

Neste sentindo a pesquisa se concentrou na vida do autor e na obra, onde me debrucei sobre bibliografias, publicações como livros, artigos, revistas acadêmicas entre outros, após esse levantamento comecei a conceituar o presente estudo.

Raul Bopp em sua viagem à Amazônia, teve contato com comunidades cujos deuses se mantinham vivos, animados pelos mistérios da floresta, compartilhou histórias, assistiu pajelanças, tudo isso plasmando em poesia.

Mesmo sem deixar de carregar as impressões e o estranhamento de um cidadão, e mesmo continuando em muitos momentos a inserir as sociedades indígenas num tempo anterior à história, essa vivência permitiu-lhe uma maior aproximação da matéria de muitos de seus versos, de forma a limar as sombras de artificialismo que pairavam na escrita de vários poetas e prosadores. Exemplo maior disso é a linguagem poética, tão próxima dos falares regionais, do baixo Tocantins que estão expressos nos poemas de Cobra Norato.

O autor soube aproveitar muito bem os artifícios que a língua lhe proporcionou evidenciando um virtuosismo metafórico que é uma das suas maiores riquezas, e essa é a grande virtude de Cobra Norato, uma mensagem poética de grande ressonância, que reflete as particularidades regionais de toda a língua, sendo o único e verdadeiro poema épico da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. **Amazônia, Pará e o mundo das águas do Baixo Tocantins**. Revista Estudos avançados 24 (68), 2010.
- AMARAL, A. **A propósito de Klaxon**. Jornal o Estado de São Paulo – Suplemento literário, São Paulo, 03 fev. 1968.
- AMARAL, A. A. **Artes Plásticas na Semana de 22**. 6ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 336p.
- ANDRADE, O. (1929) **De antropofagia**. Lacuna: uma revista de psicanálise, São Paulo, n. -7, p. 4, 2019. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2019/08/07/n-7-4/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- ARGAN, G. C. **Arte Moderna**. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARRUDA, M. A. N. *El concepto de formación en tiempos críticos: Esbozo de reflexión*. Sociológica. v. 90, p. 47-68. 2016.
- AVERBUCK, Ligia Morrone. *Cobra Norato e a Revolução Caraíba*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- BARBOSA, R. C. **Literatura comentada: Carlos Drummond de Andrade**. 2ª ed, São Paulo, Nova Aguilar, 1988.
- BAYARD, Jean Pierre. **História das lendas**. Tradução de Jeanne Marillier. [S. l.]: Virtual Books.1978. Disponível em:<<http://www.ebooksBrasil.com>>. Acesso em: 12 set. 2021.
- BECKER, B. K. **Amazônia**. Editora Ática, 1997.
- BOPP, R. **Cobra Norato**. 30 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- _____. **Movimentos Modernistas do Brasil: 1922-1928**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- _____. **Putirum**. Rio de Janeiro: Editora Leitura S/A, 1969.
- _____. **Vida e morte da antropofagia**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- _____. **História concisa da literatura brasileira**. S. Paulo: Cultrix, 1994.
- _____. **Histórias concisas da literatura brasileira**. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAMPBELL, J. **O Herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix. 1993.

CANDIDO, A. **Iniciação a literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

CARDOSO, A. L. **Leitura do mito da serpente em Cobra Norato, de Raul Bopp, e a serpente emplumada, de D. H. Lawrence**. Revista Interdisciplinar, Ano 3, v. 7, n.º. 7, p. 115-135, Jul/Dez de 2008.

CARNEIRO JUNIOR, R. A.; CARNEIRO, C. M. S. A. B; CARVALHO, J. L.; BRAGA, J. C. **Lendas e Contos Populares do Paraná**. Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, p. 434, 1984.

CASTRO, S. M. S. **O imaginário das lendas e mitos amazônicos na escola: a prática do letramento por meio da criação de histórias em quadrinhos**. Monografia (TCC), Universidade Federal do Pará, Licenciatura em Letras, 2019.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Atual, 2000.

CHARTERED GLOBAL MANAGEMENT ACCOUNTANTS. **Caderno territorial, Perfil Baixo Tocantins**, 2015. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_130_Baixo%20Tocantins%20-%20PA.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

COELHO, F. **A semana sem fim: celebrações e memória da semana de arte moderna de 1922**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2012.

CORRÊA, P. M. **Anotações sobre a lenda da Cobra Norato**. Revista Sentidos da Cultura. V.07 N.13 jul./dez./ 2020.

CUNHA, Y. P. **"Vamos brincar de Brasil? / Mas sou eu quem manda"**: Estudo sobre a poética de Raul Bopp. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2019.

DE SÁ, G. O.; EGAS, M. G. **Mitos e lendas indígenas e educação: a valorização do patrimônio imaterial amazônico nas escolas públicas do município de Manaus**. In: XII Congresso Nacional de Educação, PUC-PR, 2015.

DIANA, D. **Lenda da cobra grande**. Site Toda matéria, 2019. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/lenda-da-cobra-grande/>>. Acesso em: 12 set. 2021.

DIAS, M. F. G. **A relação entre o intelectual e o poder na obra "Prefácio Interessantíssimo" de Mário de Andrade**. Monografia (TCC), Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Letras, Centro Universitário de Brasília, 2006.

FEREIRA, N. G. A.; TEZZARI, N. S. **Leitura e linguagem: discurso e letramento**. Porto Velho: EDUFRO, 1999.

FERRAZ, A. M. **Modernismo e identidade nacional: o papel do ressentimento na ideia de Brasil**. Monografia de Ciências Políticas apresentada a Universidade de Brasília, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOVERNO DO PARÁ, **Secretaria de Estado de Integração Regional (SEIR)**, 2009.

GOVERNO DO PARÁ. **Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia - IMAZON**, 2010.

HOLANDA, A. B. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malha municipal Digital**, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

KINDERSLEY, D. **World Atlas**. Londres, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 7ed, São Paulo: Atlas, 1991.

LOUREIRO, J. J. P. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter/ Mário de Andrade**. – Ed. crítica. São Paulo: Editora da UFSC, 1988.

MASSI, A. **Introdução: A forma elástica de Bopp**. In: Raul Bopp. **Poesia completa de Raul Bopp**. Rio de Janeiro: José Olympio; EDUSP, 1998.

OLIVEIRA, V. C. **Escritos em prosa e verso de Raul Bopp: releituras do modernismo**. Dissertação (Mestre) Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária, 2010.

PEIXOTO, S. A. **Cobra Norato: uma introdução à leitura**. Revista do Centro de Estudos Portugueses, [S.l.], v. 24, n. 33, p. 155-181, dez. 2004.

PEREIRA, R. C. **Saberes culturais e prática docente no contexto da escola ribeirinha**. Dissertação (Mestre), Universidade do Estado do Pará, Pós-Graduação em Educação, 2016.

SANTOS, W. M. V. **Narrativas amazônicas: uma proposta de ensino com a literatura brasileira de expressão amazônica**. Dissertação (Mestre), Universidade Federal do Oeste do Pará/UFOPA, Programa de Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS, 2017.

SUASSUNA, J. F. **A poesia Drummondiana como veículo de crítica social: uma leitura de “O Elefante” e “Áporo”**. Monografia (TCC) – Letras, Universidade Federal da Paraíba, 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo**. In:_____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA). **Governo do Amazonas. Antropologia e Educação**. Manaus: BK Editora, 2003.

WILLIS, R. **Mitologias: Deuses, heróis e xamãs nas tradições e lendas de todo o mundo**. Tradução de Thais Costa e Luiz Roberto Mendes Gonçalves. [S.l.]: Virtual Books. 2007. Disponível em <<http://www.portaldetonando.com.br>>. Acesso em: 13 set. 2021.

ANEXOS

CANTO-I

Um dia
eu hei de morar nas terras do Sem-fim

Vou andando caminhando caminhando
Me misturo no ventre do mato mordendo raízes

Depois
faço puçanga de flor de tajá de lagoa
e mando chamar a Cobra Norato

— Quero contar-te uma história
Vamos passear naquelas ilhas decotadas?
Faz de conta que há luar

A noite chega mansinho
Estrelas conversam em voz baixa
Brinco então de amarrar uma fita no pescoço
e estrangulo a Cobra.

Agora sim
me enfio nessa pele de seda elástica
e saio a correr mundo

Vou visitar a rainha Luzia
Quero me casar com sua filha
— Então você tem que apagar os olhos primeiro
O sono escorregou nas pálpebras pesadas
Um chão de lama rouba a força dos meus passos

CANTO II

Começa agora a floresta cifrada

A sombra escondeu as árvores
Sapos beijudos espiam no escuro

Aqui um pedaço de mato está de castigo
Arvorezinhas acocoram-se no charco
Um fio de água atrasada lambe a lama

— Eu quero é ver a filha da rainha Luzia!

Agora são os rios afogados
bebendo o caminho
A água resvala pelos atoleiros
afundando afundando
Lá adiante
a areia guardou os rastos da filha da rainha Luzia

— Agora sim
vou ver a filha da rainha Luzia

Mas antes tem que passar por sete portas
Ver sete mulheres brancas de ventres despovoados
guardadas por um jacaré

— Eu só quero a filha da rainha Luzia

Tem que entregar a sombra para o Bicho do Fundo
Tem que fazer mirongas na lua nova
Tem que beber três gotas de sangue

— Ah só se for da filha da rainha Luzia!

A selva imensa está com insônia

Bocejam árvores sonolentas
Ai que a noite secou. A água do rio se quebrou
Tenho que ir-me embora

Me sumo sem rumo no fundo do mato
onde as velhas árvores grávidas cochilam

De todos os lados me chamam

— Onde vais Cobra Norato?

Tenho aqui três arvorezinhas jovens à tua espera

— Não posso

Eu hoje vou dormir com a filha da rainha Luzia

GLÁRIO

Golinho: Pequena quantidade de líquido que se consegue engolir de uma só vez; gole.

Goela: Parte inferior do pescoço (faringe, parte posterior da boca) por onde passam os alimentos da boca para o esôfago.

Tiquira: Aguardente de mandioca. Dicionário Online de Português.

Fumadinha: substantivo feminino, fumo que se faz para dar sinal de alarme, quantidade de fumo aspirado de uma vez; fumaceira. Dicionário. Org.

Puçanga: Remédio caseiro; mezinha. Beberagem; feitiço. Remédio preparado pelos pajés. Dicionário Online de Português

Boiúna: m'boi, cobra, uma, preta, o mais popular dos mitos amazônicos. Parece ter sido origem de um ciclo mítico. O prestígio da Boiúna se limita ao pavor determinado por sua voracidade e multiplicidade das transformações para fazer o mal. Para ela convergiu o mito da mãe-d'água, despido de suas formas sugestivas de beleza, canto e amor. (LOPEZ 1988)

Cururu: [Brasil] Espécie de sapo; nome comum aos batráquios grandes. (SP e MT) Dança de roda. Espécie de batuque indígena. Dicionário Online de Português

Sentinela: [Figurado] Algo ou alguém vive vigiando, espiando ou velando algo ou alguém: acabou se tornando um, sentinela da esposa. Dicionário Online de Português

Grota: cavidade, na encosta de serra ou de morro, provocada por águas das chuvas, ou, em ribanceira de rio, por águas de enchentes depressão úmida nas encostas. Dicionário Online de Português

Compadre: Padrinho de alguém em relação aos seus pais; os pais de quem foi batizado em relação à pessoa que o batizou. Dicionário Online de Português

Enfio: Enfio vem do verbo enfiar. O mesmo que: incluo, incorporo, insiro, introduzo, meto. Dicionário Online de Português

Acutipuru: Nome popular de um animal roedor, o mesmo que caxinguelê. Dicionário Online de Português

Campbellianos: Termo que se refere ao tipo de literatura promovida pelo editor darevista Astounding Science Fiction John W. Campbell. Dicionário Online de Português

Carobas: Pequenas arvores ou arbustos. Dicionário Online de Português

Decumê: comida, ou comida os porcos.

Encharcadiço: Alagado ou estagnado.

Floresta cifrada: Floresta rica, abundante.

Guariba: Denominação de duas espécies de macaco. Significa também, coisa mal feita ou solução não ideal para um problema.

Mexilhões: Molusco lamelibrânquio, comestível, de concha bivalve escura, que vive preso às rochas batidas pelo mar, ou nos estuários.

Miritis: Palavra indígena que define, entre outras coisas, dois povoados, e/ou árvore que emite líquido.

Mirongas na lua nova: Fazer simpatias, realizar rituais.

Pai do mato: Nome de um personagem folclórico, conhecido por ser um defensor da natureza, principalmente dos animais e das plantas.

Resmungando: Reclamando, pronunciar confusamente, falar por entre dentes.

Saracurinhas: plantas jovens das Bignoniáceas, de flores amarelas, cujo suco é adstringente e usado na cura de feridas.